

## **EDITORIAL**

### **Religião e Cinema**

**Frederico Pieper\***

O cinema é uma forma divina de contar sobre a vida, de fazer um paralelo com Deus Pai! Nenhuma outra profissão permite criar um mundo tão próximo daquele que conhecemos, quanto desconhecido, paralelo, concêntrico. (FELILINI, 1988, p.102).

As interfaces entre religião e cinema têm sido exploradas por acadêmicos de maneira mais sistemática a partir dos anos 1970-1980. Isso não significa que não tenham sido escritas obras sobre esse tema nas décadas anteriores. Na verdade, o assunto sempre causou curiosidade e provocou debate, sobretudo vindos de religiosos bastante desconfiados das interpretações nada ortodoxas que o cinema conferia às narrativas religiosas. Não raramente, a liberdade com a qual a imagem e o movimento do cinema lidavam e lidam com os símbolos e narrativas enrijecidas nos dogmas e interpretações oficiais provoca suspeita e fúria. Desde seu início, o cinema produziu obras sobre figuras e temáticas religiosas. Como surgiu no Ocidente é de se esperar que os temas bíblicos sejam muito mais recorrentes do que as narrativas de outras tradições religiosas. Mas isso, nem de longe, significa que elas estejam ausentes (por exemplo, já em 1913 foi lançado o filme indiano Raja Harishchandra).

Quando se pensa nessa relação entre religião e cinema, sobretudo por aqueles que consomem e/ou analisam essa arte de uma perspectiva mais distante, a tendência é entender que esse vínculo se restringe ao tema tratado pelos filmes.

---

\* Doutor e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor no Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. País de origem: Brasil. E-mail: fredericopieper@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5590-2202

Assim, desse ponto de vista, o nexos entre religião e cinema aparece mais claramente nos momentos em que os filmes se apropriam e interpretam os símbolos, os mitos, os ritos, comportamentos ou mesmo as doutrinas religiosas. Sejam essas interpretações com finalidade proselitista - de reafirmar as convicções apregoadas por determinadas instituições religiosas - seja na perspectiva de filmes que promovem releituras destoantes (e até mesmo questionadoras e confrontadoras) das leituras oficiais.

Para trazer para a concretude das imagens, vale citar alguns exemplos. Entre as décadas de 1940 e 1950, Hollywood foi prodigiosa em produzir filmes épicos sobre passagens e personagens bíblicos: *Sansão e Dalila* (1949); *Os dez mandamentos* (1956); *Ben-Hur* (1959); *Barrabás* (1961) são alguns exemplos. A intenção era produzir filmes de teor “histórico”, com relativa fidelidade à interpretação oficial dos textos bíblicos. Por se tratar de épicos, o poder da divindade é geralmente representado com raios e trovões. Quanto mais pirotécnicas as demonstrações da presença do divino, mais poderoso ele aparece e mais se reafirma a autoridade dos textos sagrados. Não é gratuito que os líderes religiosos vissem essa tendência como aliada na propagação da fé.

Mas, o cinema também promoveu abordagens desafiadoras. A questão do mal, sobretudo em uma das suas personificações na figura do diabo, também ocupou os cineastas. É curioso que essa tópica do “antagonista” seja um lugar fecundo para pôr os cânones eclesiásticos em xeque. Até mesmo porque os textos normativos do cristianismo não fornecem muitos detalhes sobre o diabo. À parte de ser um antagonista, não se sabe detalhes sobre sua natureza, aparência, propósitos etc. Tanto melhor que seja assim, afinal quanto mais lacônico é o texto religioso, mais espaço sobra para a imaginação dos diretores, roteiristas e produtores. Como consequência, o diabo é representado das mais diversas maneiras: como sujeito simpático e engraçado: *Olho do diabo* (1960), *Little Nicky's* (2000); cômico e tolo: *Bedazzled* (2000), *Bruxas de Eastwick* (1987); obcecado em procriar para manter sua descendência: *Bebê de Rosemary* (1968), *A profecia* (1976); possui o corpo humano levando-o à degradação e à loucura: *O Exorcista* (1973), *O Exorcismo de Emily Rose* (2005); disposto a fazer algum contrato com os seres humanos: *Angel Heart* (1987). Não faltaram também

filmes que exploraram seu elo com a pornografia: *O diabo em Miss Jones* (1973), *O êxtase do diabo* (1977). Essa variedade de leituras causou desconforto naqueles que esperavam reafirmações das leituras sedimentadas. Mesmo os filmes que reforçam o poder eclesiástico também sofreram reprimendas. Assim, por exemplo, em películas de exorcismo, a autoridade do padre como indicado para lidar com essa situação é usualmente reforçada. O líder religioso é chamado para resolver a situação de possessão demoníaca. Mas, nem por isso, esses filmes deixam de receber veredito condenatório por parte das instituições religiosas.

Certamente, filmes que estampam aspectos que claramente reconhecemos como religiosos oferecem um vasto material para análise. No entanto, podemos ampliar esse plano se formos além dessa face mais óbvia do vínculo entre cinema e religião. A rigor, não existe a classificação “filme religioso”. Nas grandes premiações ou nas mais prestigiosas mostras de cinemas mundo a fora, não há essa categoria. Aqueles que têm um pouco mais de idade devem ser lembrar que havia essa classificação nas, agora extintas, vídeo locadoras. Mas, era somente aí que poderíamos encontrar “filmes religiosos”. A ausência de uma categoria estabelecida e reconhecida pelos cineastas, críticos e estudiosos gera um problema que, a meu ver, está longe de ser resolvido. Ao contrário do que pode parecer, isso é positivo para quem estuda religião e cinema: a partir de que critérios pode-se dizer que um filme é religioso? Para alguns autores, que abordam o cinema a partir de uma perspectiva fenomenológica, um filme é religioso não por aquilo que ele exhibe, mas por aquilo que ele aponta por meio do que é exibido. Em outros termos, ao explorar dimensões de profundidade da existência humana, ainda que não tematize explicitamente símbolos ou narrativas religiosas, um filme pode ser considerado religioso. Nesse caso, fica evidente que o conceito de religião é ampliado. Religião não se restringe aos seus contornos institucionais, exteriores e manifestos, mas tem a ver com as questões últimas da existência. Um exemplo de como se pode explorar essa possibilidade de relação entre religião e cinema é a proposta transcendental de Paul Schrader. A fraqueza dessa leitura se encontra na sua força. Ao ampliar o conceito de religião a ponto de fazê-lo coincidir com as questões últimas da vida, perde-se certa objetividade nos critérios. Aquilo que um pesquisador denomina de religioso pode ser, na concepção de outro, filosofia ou, simplesmente, arte - outras

formas de expressão que lidam também com questões fundamentais da existência.

Essas proximidades entre religião e cinema não restringem à proposta dos filmes propriamente ditas. Um outro foco a partir dessa mesma perspectiva busca pelas similaridades entre a experiência religiosa e a cinematográfica: em que medida o cinema não é e/ou não cumpre o papel tradicionalmente atribuído à religião? Nas sociedades de consumo, o cinema comercial com seus *blockbusters* super bem-produzidos tem o poder de atingir um público extremamente amplo. Nesse sentido, se os serviços de streaming podem representar um empobrecimento da experiência estética (afinal, os efeitos especiais ainda têm muito menos impacto na tela de 6 polegadas do celular), eles amplificam o alcance das produções. Não raramente, essas produções cumprem o papel da religiosidade popular: ela é fonte criadora de símbolos e mitos que alimentam a cultura com toda sorte de heróis e vilões. E, ao fazê-lo, assume uma dimensão quase-religiosa. O mito do herói, estrutura recorrente nas narrativas mitológicas religiosas, é uma constante nessas produções. Com ele, se mobiliza num enquadramento mais contemporâneo arquétipos constitutivos do universo religioso. Parte do impacto que a franquia *Star Wars* ou mesmo as produções saídas das revistas em quadrinhos tem hoje na cultura pop se deve também ao recurso a essa dimensão religiosa.

É importante ressaltar como essa face do cinema como religião aparece na experiência de importantes cineastas. Aqui, mais do que ser fonte de símbolos e mitos, o cinema é assumido como uma espécie de religião ou como arte que se coloca na radiância do sagrado. Martin Scorsese, por exemplo, não esconde em entrevistas o lugar formativo da religião no seu entendimento de cinema. Religião, para ele, seria uma espécie de busca espiritual. Se observamos bem, importantes títulos da sua filmografia refletem essa concepção. Desde *Taxi Driver* ao documentário sobre o ex-Beatle George Harrison, passando por *A última tentação de Cristo*, exploram-se personagens que vivenciam até às últimas consequências essa busca espiritual. Para o estado-unidense, mais do que os personagens e suas tramas, o próprio fazer cinema é um modo de se efetuar essa busca.

Se no contexto de fala inglesa, há expressiva produção que explora a interface entre religião e cinema - contando inclusive com um periódico especializado no tema (<https://digitalcommons.unomaha.edu/jrf/>) – no Brasil há ainda muito a ser feito. Os cursos de cinema, muitas vezes, ignoram o tema. A meu ver, não se trata de ausência de reconhecimento da importância da religião. Antes, parece-me que a religião é ignorada por faltar aos estudiosos e críticos vindos da área do cinema referenciais acadêmicos adequados para abordá-la. Não raramente, essa lacuna gera uma concepção superficial e, portanto, muito limitada de religião. É como se religião se restringisse ao seu aspecto institucional e, por consequência, destoante do caráter questionador e reflexivo do cinema. Não me parece errado dizer que se trata de um desconhecimento da religião que leva a um certo preconceito quanto ao tema. Por outro lado, os estudiosos de religião apresentam interesses esporádicos pelo cinema. É muito comum casos de pesquisadores que por interesse pessoal fazem incursões na obra de algum cineasta ou num conjunto de filmes. Nesse caso, a apreciação pessoal acaba sendo determinante, faltando muitas vezes concepções teóricas mais robustas. Como resultado, a linguagem cinematográfica acaba sendo, na maioria dos casos, reduzida ao roteiro. Por esse motivo, iniciativas como essa da revista Horizonte, de dossiês que exploram a relação entre cinema e religião, se mostram necessárias e urgentes. Elas podem ser movimentos que ajudem a consolidar estudos mais sistemáticos nessa área. E, pela panorâmica feita nesse editorial, pode-se notar que ainda tem muito a ser feito, tanto nas possibilidades de perspectiva de abordagem do assunto, mas também no estudo das produções cinematográficas nacionais.

O cinema, muito próximo à religião, tem esse poder de criar mundos e nos convidar a habitá-los. Os filmes descrevem mundo do dia a dia, aquele que conhecemos. Essa descrição tem o poder de lançar novos olhares ao ordinário. Mas, também o cinema explora aquilo que desejamos. Ao apontar nessa direção, nos oferece parâmetros para julgar o mundo como ele é. Por explorar nossos desejos, como achamos que o mundo deveria ser, ele nos fornece a medida para nos colocarmos criticamente em relação ao que se dá. Mas, para além do real e do desejo, o cinema nos aproxima daquilo que nos é desconhecido. Portanto, lida também com o mistério. Por isso, um dos grandes mestres nessa arte, Frederico

Fellini, entendia que o cinema tem algo de divino. É um modo divino de falar sobre a vida, não somente porque conta como ela é ou explora nossos desejos. Mas, porque o cinema também nos aponta para mundos desconhecidos.

## REFERÊNCIAS

FELLINI, Frederico. **Comments on Film**. Giovanni Grazzini (Editor). Trad. Joseph Henry. Fresno, California: Press at California State University, 1988.